

Que quiere dizer isto?

Levantada a censura, começam certos jornais a fazer revelações, ou talvez a inventar factos sensacionais. Entre essas informações figura a fornecida pelo sr. tenente Botelho Moniz, que toda a gente imaginava que era um conservador, de que o movimento último não era conservador e, depois desta, estoura mais curiosa ainda: o general Adriano de Sá, que bateu os revoltosos com a maior energia, estava metido no movimento.

A primeira informação, que nós sabemos não ser verdadeira, pelos elementos que entravam no movimento, principalmente sidonistas e monárquicos, faz-nos duvidar também da segunda. Custa-nos a acreditar que o general Adriano de Sá, exactamente pela forma como se houve na defeza da ordem, tivesse entendimentos revolucionários com a gente que se revoltou. Se assim tivesse sucedido, o facto era de tal gravidade que se imporia uma averiguação rigorosa a todos esses factos. Mas, mesmo colocado o governo no nosso ponto de vista de incredulidade da intervenção do sr. general Adriano de Sá na conspiração, pelo que de assombroso isso representa, entendemos que há toda a conveniência em que todos os factos sejam convenientemente esclarecidos, quando mais não seja para demonstrar que tudo isso não passa duma insinuação sem fundamento.

Não há o direito de lançar para a publicidade afirmações desta natureza, sem as documentar, de forma a não restar dúvidas a ninguém da sua veracidade. Que se faça luz sobre toda a verdade.

Trata-se apenas de diminuir o prestígio e a influência moral do homem a quem está confiada a manutenção da ordem? Pretende-se assim apenas atenuar a força e a acção militar para a hipótese de qualquer nova veleidade dos conservadores, que dizem não o ser, em vir para nova insurreição.

Tudo é possível. Mas o que é contestável é que não pode deixar de se fazer luz sobre todos estes factos, seja a verdade contra quem for.

A atmosfera de suspeição, de incerteza, de insegurança, deve acabar, embora se corra o risco de apurar que alguma coisa há que possa empanar o brilho dos actuais defensores da ordem e ter que se fazer uma selecção mais rigorosa, para evitar surpresas numa hora de perigo. E isto dizemos, porque somos, como toda a população, interessados em que não voltem a repetir-se tentativas conservadoras como a última, e sobretudo se tiver probabilidades de triunfo.

Combates sangrentos em Paris

Comunistas contra nacionalistas

PARIS, 24.—Esta noite houve em Montmartre uma reunião eleitoral sob a presidência do deputado Fauttinger. Este tendo sido avisado de que se preparava um ambiente hostil à saída dos assistentes telefonou para um outro "meeting" que estava sendo presidido por Millerand e pediu que viessem reforçar os seus amigos à saída.

Pouco depois, algumas centenas de homens armados e organizados militarmente foram chegando aquele bairro operário, com ar provocador, formados a quatro e quatro e de bengalas em punho.

Numa rua escura trocou-se vivo tiroteio, tendo havido três mortos e uns oito feridos.

Na Câmara francesa

inicia-se o debate sobre o conflito

Ao começar a sessão discutem-se as interpelações sobre o ataque cometido pelos comunistas ao verem-se provocados pelos jovens nacionalistas.

Fauttinger, à sua maneira, expõe à câmara as circunstâncias do conflito. Diz que o "atenção" foi preparado pelos comunistas, tendo tomado parte nele numerosos estrangeiros.

Seguem-se vários oradores socialistas e da extrema direita que acusam os deputados comunistas de serem os culpados do ocorrido.

Cachin em seguida, ataca violentamente a Câmara dizendo que os operários do bairro foram provocados pela atitude hostil dos manifestantes e que apenas se defenderam. — J. V.

A crise política belga

BRUXELAS, 28.—Masson comunicou ao rei que o congresso liberal se mostra absolutamente hostil à participação dos liberais no governo.

EM 2.ª EDIÇÃO... A "EPOCA" FEZ ONTEM A APOLOGIA DA REVOLTA CONSERVADORA

"Dum lado estavam o heroísmo e a nobreza, do outro a traição e a cobardia" — A apologia da evasão dos presos e uma acusação grave formulada sem provas

Se outras razões não nos movessem contra a censura, bastava o facto de estarmos desde o movimento revolucionário vencido iludidos com a "Epoca" para combatermos um inimigo que, cedendo ao entusiasmo, arranca a máscara para mostrar uma fisionomia torva de ódio.

Aquela "Epoca" mansa, socegradinha, amiga da ordem era apenas obra da censura. Grande pressa teve aquele jornal em deitar fora a máscara que mãos de militares lhe tinham afivelado no rosto. Pressa tão grande que atirou ontem para a rua uma 2.ª edição para provar que aprovava a revolta, que lhe oferecia — como os reis magos a Cristo — o seu ouro, o seu incenso, a sua mirra. Unindo o útil ao agradável realizou um bom negócio pois por na rua um jornal com a composição já quasi toda paga pela sua primeira tiragem. Aliviou a alma e encheu o cofre. Conquistou melhor o seu lugar no céu e adquiriu para a viagem desta vida ilusória, mais uns massinhos de cédulas.

O jornal — a 2.ª mercenária edição do jornal — publica tudo o que a censura lhe cortou: manifestos dos revoltosos, entrevistas com os revoltosos, cartas dos revoltosos, elogio aos revoltosos. Tudo isso contribui, segundo ela, para levantar as pontas desse veu que encobre tanta nobreza e tanta traição, tanto heroísmo e tanto cobardia.

O heroísmo e a nobreza estavam do lado dos revoltosos. Do lado oposto: a traição e a cobardia. Corolários pessimistas deve a "Epoca" tirar do resultado duma revolta que tendo por si o heroísmo e a nobreza, foi vencida pela traição e cobardia. Não se atreve a tirá-los pelo receio que tem de dizer que quando dois grupos de militares se batem com os apetrechos e os ensinamentos da caserna só vencem os que são traidores, só triunfam os que são cobardes. A essa afirmação não desce, por medo, que não por vergonha, o jornal católico-monárquico. Insinua o que é mais fácil porque não envolve perigo. E' assim naquele jornal que se prestam culto à heroidade e à nobreza...

Que dizem esses admiráveis manifestos que merecem uma 2.ª edição e tanto enterneceram a folha de Deus e do rei? São ambas uma autêntica obra de mistificação escrita em grosseira prosa, em insolente linguagem. Os manifestos ocultam cuidadosamente o pensamento torvo dos dirigentes da revolta. Esse sr. Filomeno da Câmara que tanto pregou a ditadura, não teve coragem, nem mesmo diante dos canhões e das metralhadoras e das espingardas que comandava, de confessar que o movimento que chefiava tinha por objectivo uma ditadura apoiada na força inconsciente e cega das casernas. Essa coragem — de ordem moral — faltou-lhe. Tremeu de dizer a seis milhões de habitantes que pretendia instaurar uma "Mussolinada" trágico-cômica que lhe permitia ameaçar-lhes os rins com as pontas reluzentes e afiadas de milhares de baionetas. Entendeu que para tolher a liberdade a um povo não bastam os canhões e urdiu a armadilha. Eram precisos os canhões mas a armadilha era indispensável. Como para apanhar ratos é preciso pôr um pouco de toucinho na ratoeira, para atrair os peixes é indispensável uma "isca" no anzol, para reduzir um povo à escravidão escreveu no manifesto da revolta "que era necessário varrer a tiro os vendilhões da pátria". E o fpoovo — supunha — a tradução militar do Mussolini civil de Itália — caíra tão parvamente no ludíbrio do manifesto como o rato na ratoeira e o cachucho no anzol.

Eganou-se o sr. Filomeno, tomando a mentalidade do país pela mentalidade dos soldados previamente embrutecidos pela disciplina da caserna e enviados depois, com o desdem próprio dos militares pela vida dos inferiores, para a revolta, feitos carne do canhão, carne de hospital e morgue. Supoz naturalmente que bastava voltar-se para a população, apontando-lhe alguns fantoches da política, sem lhe indicar os nomes — talvez por excesso de coragem moral — gritar-lhe: "prende que é ladrão".

NOTAS & COMENTÁRIOS

A mulher de Emilio Zola

Um telegrama de Paris noticia lacónicamente que morreu, com 66 anos de idade a mulher de Emilio Zola. Vem a pelo recordar um pormenor curioso da vida íntima do genial novelista do "Germinal", da "Lourdes" e de outras obras de formidável envergadura literária e social.

Emilio Zola, quando era um jornalista quasi desconhecido e atravessava grandes dificuldades económicas, almoçava e jantava parcamente numa taberna modesta. O dono, o taberneiro era um homem brutal que maltratava sua filha. Esta contava ao comensal, ao pobre jornalista desconhecido, as suas mágoas, todas as brutalidades do pai. Desta convivência nasceu o amor. E, um dia, Emilio Zola, quasi célebre, quasi rico, vem à modesta taberna onde comia quando sua existência era humilde, buscar a filha do taberneiro.

Foi esta a companheira dedicada de toda a sua vida, a companheira heroica que correu ao seu lado todos os perigos na tempestade e formidável questão Dreyfus. Este episódio revela bem que o novelista que defendeu a Verdade e a Justiça era uma alma vibrante e generosa.

Uma violência

Já depois de termos composto o artigo que noutro lugar publicamos sobre a atitude

para que ela caísse na armadilha e se deixasse aprisionar de surpresa. Enganou-se, o país não é a caserna, a maioria da população não é de soldados — mas de operários.

Deixemos a revolta e reateemos os nossos comentários à atitude marvótica da "Epoca". Aquela frase do manifesto acima transcrita "queremos varrer a tiro os vendilhões da pátria" enlouqueceu-a de entusiasmo, abraçou-a de alegria. Quando a lei sentiu que tinham chegado os mais felizes momentos da sua vida. Oh o santo cristianismo, o Deus de paz e amor, a divina e santa misericórdia! Varrê-los a tiro!... Matar, assassinar, na fusilaria seca e breve duma descarga cerrada, homens que a "Epoca" odeia, sem um processo de julgamento, mesmo sumário, com um laudo de ladrões, mesmo sem se demonstrar o roubo dum centavo.

Essa perspectiva fez alucinar a "Epoca" que atingiu no contentamento o delírio... Era a inquisição restaurada nos seus processos odiosos, com a vantagem das fogueiras substituídas por poletões de infantaria. A "Epoca" não sorria o perigo de acender as fogueiras nem o odioso de as manter ateadas, nem o trabalho de realizar as execuções.

Tudo era realizado pelos outros. Ela só mandava. Realizava-se assim, com uma carnificina, o sonho de fraternidade humana acalentado por Nemo, em nome do Deus extravagante e terrível que ele adora por ser à sua imagem e semelhança moral.

Premos um pouco a nossa fusilaria áspere que não mata, nem pretende matar ninguém, nem tam pouco aspira ou sonha com carnificinas. E ajudemos agora os revoltosos através do panegirico da "Epoca". Um trecho duma das entrevistas feitas antes da partida do comboio que conduziu os oficiais revoltosos aos presídios de Santarem e Elvas:

—Teriam fugido?—Perguntou um empregado da estação.

—Não—respondeu outro—estes não são de qualidade de fugir.

Rigorosamente verídico. Os srs. Raúl Esteves e Filomeno da Câmara não fugiram, refugiaram-se na legação de Espanha depois de terem arvorado o lençolin branco da rendição.

O sr. Botelho Moniz também não fugiu, evadiu-se da cadeia, o que é, como os leitores estão reflectindo, bastante diferente e antagónico...

Apreciemos como a "Epoca", que tanto se indignou com as fugas de São Julião da Barra de pessoas que estavam ilegalmente presas, aplaude a fuga, perdão a evasão, do sr. Botelho Moniz:

...Chegou-nos a notícia de que o seu sinatário sr. Jorge Botelho Moniz se ausentara de Elvas. Sendo a prisão, em plena primavera, uma respeitável massada é caso para não deixar de lhe darmos os parabéns.

Operários que vos encontráreis nos infectos calabouços do governo civil, nos quartos-pocilgas do Limoeiro, nas salas mortais de Monsanto, presos de todas as prisões de Portugal, toca a serrar as grades, a arrastar as portas, a perfurar as paredes. Fugi todos — em massa. Segui o conselho da "Epoca" — evadi-vos. A prisão, na primavera, é uma massada. E contai com os parabéns da "Epoca".

Ainda os revoltosos definidos pela "Epoca". O sr. Botelho Moniz acusa o general Adriano de Sá de ter combatido o movimento quando declarara estar com ele de alma e coração. Se isso fosse verdade seria um caso de duplicidade que a largos comentários se prestava. Apenas, o sr. Botelho Moniz se esqueceu de aduzir uma única prova do que afirmava. E uma acusação desta ordem quando se faz sem provas, não só coloca mal quem a formula como quem lhe dá publicidade. A "Epoca" entende que acusar sem provas não é uma calúnia, segundo a sua casuística jesuítica, em tudo digna das almas vãs dos que se deliciam quando se tornam caluniadores.

de da "Epoca" perante a revolta conservadora, nos chegou a notícia de que fora apreendida a 2.ª edição daquela edição, depois de estar literalmente exgotada.

Iamos a escrever contra a medida estúpida de apreender um jornal depois dele se ter vendido, quando outra informação nos chega de que ele tinha sido suspenso.

Consideramos estúpida e agressiva esta medida. Não há nenhuma vantagem em suprimir a "Epoca", pois assim ficamos privados de conhecer e combater a alma torva dos que a dirigem. Somos insuspeitos neste protesto dado o abismo moral e político que nos separa da "Epoca".

Aos que nos venham dizer que não devemos protestar contra a apreensão desse jornal que desejaria, como várias vezes o exprimiu, ver a "Batalha" suprimida, replicaremos que a antipatia da "Epoca" não consegue ter o mérito de nos fazer escrever uma só linha contra a liberdade de imprensa.

A AGITAÇÃO NA BULGÁRIA

SOFIA, 28.—Tem havido vários levantamentos de grupos agrários próximo da fronteira da Iugoslávia e Roménia, tendo o governo enviado tropas que sufocaram rápida e enérgicamente esses movimentos. Nalgumas cidades tem continuado a haver vários atentados tendo ficado algumas pessoas feridas.

O homem que falou para a celebridade

Cunha Leal e Garcia Loureiro foram postos em liberdade — Como se faz reclame dos produtos da casa... — A pressa deles...

Os deputados srs. Cunha Leal e Garcia Loureiro foram postos em liberdade por ordem do general sr. Adriano de Sá. Era do seguinte teor a carta que o referido general enviou ao parlamento:

Ex.ª Sr.—Quando assumi o comando militar, encontrei presos os srs. deputados Cunha Leal e Garcia Loureiro, como implicados nos últimos acontecimentos. Entendendo que não podia conservá-los presos sem autorização da Câmara a que V. Ex.ª tão dignamente preside, dirigi a V. Ex.ª o meu ofício n.º 181 de 21 do corrente.

Tendo perguntado ao oficial de polícia judiciária encarregado do respectivo auto, sobre as provas ou indícios de culpabilidade de até agora encontrados contra os presumidos delinquentes Cunha Leal e Garcia Loureiro, fui informado, por nota n.º 1, de hoje, de que, até à presente data, não constam do auto do corpo de delito quaisquer provas ou indícios de culpabilidade contra os dois presumidos delinquentes.

Mais informa não haver motivo para ser mantida a sua prisão.

Nestes termos, não há razão para manter o pedido anteriormente feito, que agora retiro, pois mandei que fossem postos em liberdade, renovando tal pedido se porventura as investigações vierem a tornar necessário esse procedimento. Saude e Fraternidade.—Ao Ex.ª Sr. Presidente da Câmara dos Senhores Deputados—Lisboa, 28 de Abril de 1925.—O Comandante da Divisão, (a) Adriano de Sá, General.

Folgamos com a rápida libertação destes senhores. Ela é um indicio seguro de que de futuro legal procedimento se adoptará para com pessoas que não sendo tão importantes como o sr. Cunha Leal, merecem entretanto tratamento justo e igual respeito pela sua liberdade...

O sr. Cunha Leal mal se sentiu à solta foi logo a correr para São Bento exibir os seus belos dentes de oratória batofa.

Berrou muito e chamou sicários às pessoas que o mandaram prender. E o Congresso, reunido para apreciar a prorrogação da sessão legislativa, ouviu aquelas palavras como se elas fossem proferidas pela pessoa que melhor autoridade tivesse para insultar alguém neste país.

O discurso do sr. Cunha Leal foi um amontoado de palavras que serviu apenas para dar pretexto ao *Diário de Lisboa* para publicar uma "segunda edição". Desde que pela sua redacção passou certa pessoa muito chegada ao ilustre deputado nacionalista do *Diário de Lisboa* continua a sentir-se obrigado a manter o crédito e o reclame desse produto vistoso que lançou no mercado. Sabido este interessante pormenor, compreende-se a segunda edição...

Quem visse o sr. Cunha Leal correr com tal alvoroço para o parlamento talvez pensasse que na consciência deste talentoso homem público sofria a hora da Justiça. Houve mesmo quem dissesse para consigo — enganando-se, infelizmente — que o sr. Cunha Leal ia explicar os motivos porque se calara tão depressa após a sua saída do *Século*, quando lá estivera ao serviço da Moagem; que iria decifrar o enigma a razão das posses monetárias que o habilitaram a comprar um prédio; que iria tornar clara, arrastando-lhe o veu duvidoso que a encobria, a sua viagem, em tão suspeita companhia, aos nossos domínios ultramarinos. Mas não. O sr. Cunha Leal limitou-se a prometer revelações sensacionais, como prometeu acerca do *Século* quando a Moagem o poz fora, por indecente e má figura. Ainda desta vez não há de haver novidade, como da outra não houve, afinal, nem uma só palavra contra a Moagem que queria comprar a péso de ouro a sua culpabilidade e o seu silêncio, conforme declarou a vítima numa sessão do Congresso Nacionalista, em que foi muito aclamado.

Aquilo não foi um discurso, o que o sr. Cunha Leal fez ontem no parlamento, foi uma bela pose para a objectiva da celebridade...

O 1.º DE MAIO EM PARIS

PARIS, 28.—Reinuiu o conselho de ministro tendo-se resolvido tomar medidas especiais de polícia para evitar qualquer perturbação da ordem feita pelos comunistas no próximo dia 1.º de Maio.

A BATALHA

A fim de comemorar a solene data do 1.º de Maio, A BATALHA publicará depois de amanhã um número especial com gravuras a cores e oito páginas.

Inserirá escolhida colaboração alusiva à data que se comemora.

Reunião de militantes

Reúnem hoje, pelas 21 horas, os militantes sindicais revolucionários que defendem a orientação demarcada pelos Congressos de Coimbra e da Covilhã para apreciar assuntos importantes.

A reunião realiza-se no local onde se efectuou a última.

A ÚLTIMA OBRA DE PREVOST

O direito de matar não deve existir!

Assim o afirma a maioria dos intelectuais franceses
Todavia o Estado usa e abusa desse direito

Marcel Prevost, que é uma inefável mediocridade da literatura francesa contemporânea, sabe, como poucos, adensar em redor de cada obra sua uma palpante publicidade.

Agora mesmo essa "qualidade" de Prevost, que na nossa época é condição essencial para o triunfo dos cabotinos e dos mediocres, acaba de evidenciar-se amplamente.

A propósito do seu novo livro *Se matress et moi*, onde se apresenta o discutível direito de matar, Prevost consegue que seu nome e o da sua obra percorram diariamente em capcioso reclamo, as colunas dos jornais e revistas francesas.

De tudo, porém, que em redor desse livro se tem escrito, o que me parece mais interessante é um inquérito aberto por "L'Eclair". Este jornal, em cartas dirigidas a vários escritores e artistas, pergunta: Sois partidários do direito de matar?

As respostas, algumas firmadas por nomes ilustres, variam não conforme os princípios de humanitarismo mas sim conforme a sentimentalidade de quem as subscrive.

A maioria, porém, afirma que não há, qualquer que seja o pretexto, o direito de matar.

Eu não tenho, nas decisões das maiorias, uma grande confiança — mas concordo também que não há o direito de matar.

Salvem-se casos excepcionais, em que o coração humano pode mais de que os princípios, em que o cérebro se antepõe à vida trágica que castiga — como nesse recentíssimo e sentimental episódio da artista polaca Stanislaw Umiska.

Exceptuam-se ainda os chamados momentos históricos, em que a vida dum homem pode encerrar o destino de todo um povo.

E se esse homem é um tirano, matá-lo, então, não é um direito, é uma obrigação.

Não por ele, frágil carne enlouquecida, embriagada de poder, que mais do que ódio mereceria piedade, se sua acção não fosse nefasta às liberdades colectivas. Não por ele, cujo delírio de opressão, está dentro das fraquezas e inferioridades humanas, que os séculos não corrigiram ainda; mas pela humanidade que não pode viver algemada sob a vontade dum obscedo.

E abatê-lo, então, é um gesto libertário de que está cheia a história — um gesto que a história exaltará futuramente.

Mas, a vida, os regimes e sobretudo a

magnitude das ideias, em seu constante evoluir, vão afastando essa macabra necessidade, que até hoje não é odiosa, porque visa a destruir a própria encarnação do ódio. Mas com o extermínio dos tiranos, cuja existência, aliás, é cada dia mais difícil, os punhais vingadores, que se erguem, como uma determinação inexorável da própria justiça, sobre os corações dementados, deixarão também de existir, justificadamente.

E extinto esse, outro direito não há de matar.

Como conceber que um homem possa dispor da vida de outro homem ou que um estatuto disponha da vida da humanidade?

Como conceber isso sem afrontar, já não ao Passado, que por seus sinistros crimes nos envergonha, mas ao Futuro que há de compreender e julgar esta hora de fecunda emancipação em que vivemos?

E todavia o direito de matar existe ainda em nossa época. E' seu detentor o Estado. A América com suas cadeiras de electrocução, a França com suas guilhotinas, a Espanha com seus garrotes... E tantos outros países, tantos outros!

Homens que apelaem para suas consciências e estas ditam-lhes sentenças de morte...

Homens que apelaem para os códigos e nestes encontram o direito de matar...

Homens que executam seus semelhantes com mais impassibilidade do que as feras, no centro das selvas africanas, executam suas presas...

E tudo em nome do Estado, que para castigar aqueles que assassinaram, os assassina também... O Estado não admite o direito à morte, mas gosa o direito de matar...

Este paradoxo, senão fosse tão sinistro, seria julgado daqui a alguns séculos como um motivo de opereta... A Lei, a Justiça, a Sociedade... O direito de matar...

Evidentemente que Marcel Prevost não se preocupou com este aspecto da questão. Era demasiadamente profundo para ele. Demasiadamente revolucionário — para ser defendido — ou ao menos analisado pela sua pena. O direito de matar que Prevost estudia, visa apenas a distrair a inteligência entendida das leituras sedentas de emoções fortes. Assunto para ser discutido entre um cigarro egípcio, humilhado de chá e um "divan" aguardando a hora do amor...

F. DE C.

PRISÕES INIQUAS

Continuam presos operários culpados apenas de serem contrários a ditaduras

Uma vez mais nos temos de referir ao procedimento iníquo da polícia contra operários presos sem possível justificação.

A censura cortou-nos impiedosamente o protesto aqui feito quando do facto demos notícia, somos forçados portanto a repetir o que a censura não consentiu que viesse a público.

Após a derrota infligida pelas tropas governamentais aos revoltosos do Parque Eduardo VII, procedeu a polícia à prisão de um razoável número de operários.

Porque eles estivessem comprometidos no movimento que não vingou?

Não. Bem ao contrário, todos esses operários estavam e estarão dispostos a defender as poucas liberdades de que gozam contra todas as tentativas de supressão dessas liberdades.

Como se compreende que, inutilizada a tentativa de estabelecimento duma ditadura militar, sejam presos precisamente os que eram contrários a essa ditadura e estavam dispostos a combatê-la, se isso fosse necessário?

E enquanto os inimigos da ditadura continuam nos homicídios calabouços do governo civil, o sr. Cunha Leal, que toda a gente sabe estar comprometido no malogrado movimento, foi ontem posto em liberdade.

Venceu-se a reacção militar e conservadora e são os desejos dessa mesma reacção que a polícia se apressa a satisfazer, como se a derrota tivesse sido infligida a os que estão ao lado da liberdade contra todas as reacções.

E' o que parece dever inferir-se do facto de ainda se conservarem presos operários conhecidos pelas suas ideias avançadas, sujeitos a um horrível suplício de viverem comprimidos num exiguo calabouço, sem ar, sem luz, sem higiene portanto.

Qual a acusação que sobre eles impende?

Nenhuma, porque só podem acusá-los de serem inimigos de todos os regimes de violência, de serem capazes de defender, através de todos os sacrificios, a liberdade que ora lhes roubam.

O Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade ocupa-se do assunto

Ontem novamente este secretariado se avistou com o sr. Vitorino Guimarães, actual presidente do ministério, sobre as violências que se estão exercendo para com operários que se encontram há imenso tempo nos imundos calabouços do Governo Civil, tendo já diversas vezes e junto de diversas entidades o secretariado tratado da sua libertação sem que até à data se saiba a quem cabe a responsabilidade dessas prisões.

Também ao presidente do ministério este secretariado expôs a desumanidade de se encontrarem no imundo calabouço do

Governo Civil perto de 45 presos, para satisfação ou vingança não se sabe de quem, numa situação terrível, tanto por falta de higiene, como pelas necessidades imediatas de suas famílias que se encontram cercadas do auxílio dos seus pais, irmãos e maridos, que em consequência de se encontrarem numa situação de violência como no sidonismo, não podem angariar pelo seu trabalho os meios necessários a enfrentar a terrível vida de dificuldades permanentes.

O presidente do ministério disse que ia imediatamente tratar do caso porque não quer violências seja para quem for.

A Comissão Central do Socorro Internacional Vermelho editou um manifesto contra as iniquidades acima referidas.

O protesto dos organismos operários

Da Federação das Juventudes Sindicais recebemos uma nota em que protesta contra o facto de após o triunfo insofismável da liberdade contra a reacção, se verificou, da parte das autoridades desta república, o firme propósito de perseguir os elementos avançados, em especial os jovens sindicalistas.

Também o S. U. Metalúrgico protesta contra o encarceramento de 42 pessoas num infecto e imundo calabouço onde mal cabem 12 pessoas.

A eleição de Hindenburg à presidência da República

Os comunistas e os partidários da liberdade religiosa

BERLIM, 28.—A eleição do marechal Hindenburg foi sobretudo devida ao encontrável prestígio pessoal do velho cabo de guerra e às atitudes de expectativa benevolente e tranqüila de Kellogg, secretário de estado dos negócios estrangeiros e às votações dos comunistas que tiraram votos às esquerdas republicanas. A eleição do marechal tem um significado que é bom não esquecer. Von Hindenburg foi eleito com os votos das classes médias, da pequena burguesia e de alguns grupos católicos que representam profundos sentimentos da nação alemã desejosos de ordem interna e de respeito externo. A eleição do dr. Marx foi contrariada pela ideia de que a eleição dum presidente da república católico significaria a escravatura religiosa da Alemanha, tendo portanto muitos milhares de pessoas votado pela liberdade religiosa.

A repercussão no estrangeiro

LONDRES, 28.—J. W. Gerald, que foi embaixador dos Estados Unidos em Berlim durante a guerra, diz que a eleição do marechal Hindenburg ameaça a paz do mundo e mostra que o povo alemão pretende voltar às suas antigas ideias militaristas e monárquicas. O *New York Times* diz que nenhum empréstimo alemão poderá ter lugar em New-York enquanto se não reconhecerem as directrizes da política alemã.

Os jornais ingleses comentam a eleição do marechal Hindenburg com tranquilidade e dizem que ainda é muito cedo para fazer qualquer juízo acerca da futura política alemã e que o pacto das garantias, embora

adiado, entrará em discussão sobre as mesmas bases.

Por motivo da eleição do marechal Hindenburg os valores franceses e alemães tiveram grandes baixas nos mercados americanos.

Os jornais italianos mostram-se apreensivos por motivo da eleição do novo presidente da república alemã.

As esperanças dos monárquicos

BERLIM, 28.—As mulheres com direito a voto votaram no marechal Hindenburg. Nos meios nacionalistas é enorme o entusiasmo, propondo estes e os monárquicos tratar imediatamente da questão da modificação das cores da bandeira.

Contudo, o bom senso do marechal Hindenburg não dá lugar a que se continuem propagando os boatos de que o regresso do imperador é uma questão de dias e que em breve a Polónia vai ser invadida.

Os jornais franceses dizem que a eleição para a presidência da República alemã do comandante em chefe do exército alemão durante a guerra mostra que na Alemanha persiste o desejo de revanche.

A impressão produzida nos meios belgas

BRUXELAS, 28.—A notícia da eleição do marechal Hindenburg, para a presidência da República alemã causou nesta cidade grande estupefacção. Apesar da população belga não considerar a Alemanha como uma verdadeira República, no entanto nunca se supoz que fosse eleito para a suprema magistratura um dos chefes militares mais em evidência.

A impressão geral em todos os círculos políticos e de opinião é péssima.

A bandeira imperial flutua em Potsdam

BERLIM, 28.—Os monárquicos têm feito extraordinárias orações perante a residência de Hindenburg. A bandeira imperial flutua pela primeira vez em Potsdam depois da guerra. O marechal Hindenburg respondendo às congratulações que lhe foram dirigidas, disse: Deus permita que todos os ódios entre partidos, terminem, e que o povo alemão se convença de que só a unidade dá força.

IMPRENSA

Revista de moagem e panificação

Recebemos o n.º 2 desta revista que entre outras contém uma secção técnica, tratando neste número «A trituração do trigo e o aproveitamento da estriagem dos cilindros», secção comercial e estatística, informações.

Continua com optimo aspecto gráfico e colaboração variada.

FAMÍLIA INFELIZ

Mão e filha queimadas e um filho em riscos de afogar-se

Na sala de observações do hospital de S. José deu entrada em estado grave Algia da Silva, 14 anos, moradora na Quinta do Armador, em Chelas, horrivelmente queimada por se lhe ter pegado ao feto de lume do fogareiro.

A mãe, Francisca da Silva, ficou queimada nos braços quando acudia à filha. Recebeu curativo no Banco e seguiu para casa.

O pai, José Antonio, havia momentos antes saído de casa para acudir a um seu filho de 19 anos, Celestino da Silva, que esteve prestes a afogar-se na fabrica de tijolo de Chelas, onde trabalha.

Rendimentos dos operários

Deois de pensado no posto da Cruz Vermelha, no Calvario, recolheu à enfermaria n.º 2 do Hospital do Desterro, José Fernando, de 15 anos, natural da Guarda, picador de navios, residente na Estrangeira de Cima (barracas) e que quando trabalhava a bordo do vapor «Amarante» da Companhia União Fabril, em reparação na doca de Alcantara, caiu ao porão, fracturando a perna esquerda e ficando muito ferido no rosto.

—No Banco do Hospital de S. José recebeu curativo e recolheu a casa, Julio Delgado, de 21 anos, natural de Madrid, metalúrgico, residente na rua da Vitória 73, 5.º, que nas oficinas metalúrgicas de Costa Delgado & Companhia, Limitada, na rua dos Industriais, foi colhido por uma correa de uma máquina, ficando com o braço esquerdo fracturado.

A enfermaria de Santo Antonio, recolheu Antonio da Cunha Viana, de 56 anos, carceiro, natural de Gondomar, morador na travessa do Bafuto A P V que, em Santa Apolonia, foi colhido pela carrega de que era condutor, ficando com a perna direita fracturada.

São Carlos

É amanhã que a espiroscópica comédia O SINAL DE ALARME reaparece neste teatro, o que indica que o elegante teatro vai estar «au grand complet» não podendo com certeza comportar quantos não de lá querer ir aplaudir a ilustre artista Lucilla Simões que como se sabe, interpreta admiravelmente a protagonista da encantadora peça.

ESPERANTO

S. U. Metalúrgico.—Começou ontem a aula de esperanto, com um grande número de alunos.

Nova Voz.—Sociedade Esperantista Operária.—Reúne às 21 horas, o curso prático e a comissão administrativa, devendo comparecer o cobrador.

TEATRO APOLO
HOJE
às 9,30 da noite

a sugestiva revista, onde além de apresentar deliciosos cenários se vê um automóvel conduzindo dois espirituosos enamorados
Magnífico desempenho
Música cheia de colorido

DESASTRE NO RIO

Uma explosão a bordo dum barco da policia maritima deixa feridos quatro tripulantes

No Tejo, em serviço de fiscalização, andava ontem de manhã um gazolina da Polícia Marítima, há pouco adquirida pela Capitania. Pelas 9 e meia horas, como o motor não fosse funcionando regularmente, o seu motorista, Carlos Isaque, de 28 anos, natural de Lisboa e residente na travessa do Alcaide, tentou remediar a avaria, mas quando procedia a esse trabalho, em frente da Ribeira Nova, explodiu o carburador, incendiando-se o barco. A sua tripulação que se compunha do referido motorista, do mestre Joaquim Carapuça, de 47 anos, rua Castelo Branco Saraiwa, 1, 3.º, cabo de mar José Joaquim, de 31 anos, rua do Passadico, 29 e do marinheiro da Polícia Marítima José Conceição Rodrigues, de 31 anos, rua Luciano Cordeiro, 3, 1.º, ficou toda com várias queimaduras pelo rosto, pernas e braços. Os três últimos, lançaram-se ao rio, o que não fez o motorista por não saber nadar. Acudiram vários barcos que próximo se encontravam do Arsenal e de vários navios ali fundeados enquanto eram reclamados os socorros para a Cruz Vermelha e Bombeiros tendo ali comparecido imediatamente os autos daquela Sociedade n.º 9 e 4, guiados pelos «chefeiros» Ferreira e Continho, e vários material e pessoal de serviço de incêndios. Transportados os feridos para terra em quanto se tratava de extinguir o fogo, foi o Isaque conduzido ao hospital de São José, de onde depois de pensado no Banco foi transportado num auto da Cruz Vermelha para casa. Os restantes feridos foram receber curativo ao posto da Cruz Vermelha no Terreiro do Paço, onde foram pensados pelo enfermeiro Parreira, sendo depois conduzidos num auto daquela Sociedade, ao Hospital da Marinha, onde recolheram.

Apolo

A revista TIROLIHO deu ontem nova enchente. É pega que a todos agrada pela multiplicidade das suas graciosas e pitorescas scenas interpretadas por um enxame de actrizes cheias de modicidade e vivacidade.

Assistência infantil

Oito mil crianças vão este ano tomar banho na Cruz Quebrada

Já começaram as inspecções às 8000 crianças das escolas oficiais e às subsidiadas pela Câmara, que devem tomar banhos este ano na Praia da Cruz Quebrada, (Colónia Balnear «Dr. António José de Almeida».)

O sr. Alexandre Ferreira auxiliado pelos srs. Ryder da Costa e 1.º oficial Pedro Dias, está trabalhando afinadamente na organização dos oito turnos de 1000 crianças, devendo ter os seus trabalhos concluídos de modo que o 1.º turno possa começar os banhos na primeira quinzena de Junho.

Foram já recebidos importantes doativos.

OS MISTÉRIOS DO POVO

ACABA DE APARECER A 6.ª SÉRIE DE 10 TOMOS DESTA MAGNÍFICA OBRA HISTÓRICA DO ESCRITOR EUGENE SUE
ACEITAM-SE ASSINATURAS PARA ESTE ROMANCE, AO PREÇO DE 5\$00 POR CADA SÉRIE DE 10 TOMOS

Sociedades de recreio

Grupo Dramático «Solidariedade Operária».—Previnem-se os sócios e organismos convidados que a festa anunciada para o dia 29 do corrente, ficou transferida para o dia 10 de Maio às 20 horas.

Aos colecionadores de o Suplemento «A Batalha»

Previnem-se os colecionadores de o suplemento semanal de A Batalha que se está preparando umas capas artísticas e um índice que velu melhor consideravelmente esta preciosa edição.

Aqueles que desejem adquirir as referidas capas e índice, devem desde já fazer as suas requisições, a fim de se poder regular a tiragem.

Brevemente haverá também colecções do 1.º ano para a venda, formando um volume de cerca de 400 páginas, optimamente encadernado em percalina, com um índice de todas as matérias contidas, para fácil consulta das centenas de fórmulas e receitas, e de variadíssima colaboração com centenas de gravuras.

Feira de Beneficência em Alges

Estão já tomados os principais talhões para a feira de beneficência promovida pela Câmara Municipal, a favor dum pequeno Asilo-Hospital, estando já em construção várias barracas e começando ainda esta semana a construção das restantes, entre elas um grande animatógrafo, teatro de variedades e dois «carroussels» electricos, além de grande número de barracas de tiro ao alvo, restaurantes, etc.

Não só pelo pitoresco do local no magnífico Bairro Soares, como pelas facilidades dispêndidas pela Câmara Municipal de Oeiras, está esta feira destinada a grande êxito, devendo atrair a Alges milhares de forasteiros aos quais dispensarão sempre as maiores comodidades.

A inauguração da feira realizar-se-há impreterivelmente no próximo dia 14 de Maio, devendo a ela assistir várias entidades oficiais, que para o efeito vão ser convidadas.

Acaba de aparecer:
Três aspectos da Revolução Russa
Por EMILE VANDERVELDE
Preço: 5\$00
A' venda na administração de A Batalha e nas livrarias

EM LAVRE

Proesas do comandante da guarda republicana

Venho narrar mais uma proesa da briosa. Desta coube a vez ao 1.º cabo 91, Francisco Vicente, comandante do posto de Lavre já conhecido pelas suas façanhas de levar os presos para o posto e, uma vez lá dentro, fecha-lhes a porta e mimoseia-os com pancadas, ficando sempre impune, parecendo que não há quem veja estas coisas.

E para se avaliar os instintos de provocação de que ele é possuidor vou narrar-lhe o que se passou ontem perto da estação de caminho de ferro de Lavre cujo terreno já pertence ao concelho de Coruche.

Tendo este cavalheiro conhecimento de que tinham saído do concelho de Lavre para o de Coruche, umas sacas de carvão sem ser pago o incomodativo imposto ad-valorem, e já depois de estar no concelho de Coruche, veio com a sua austeridade a fim de autotar o dono do carvão e quando estava procedendo a este grande feito foi observado pelo fiscal do ad-valorem do concelho de Coruche, de que depois de ter passado o limite de concelho de Lavre para o de Coruche, nada tinha que autotar.

Tanto bastou para que o famoso cabo começasse insultando o fiscal empurrando-o violentamente, provocando-o de tal maneira que até chegou a dar um supapo no chapéu deste, tendo-se evitado um conflito mais ou menos grave devido à correcção e prudência do fiscal.

Deste caso são testemunhas os srs. Francisco Vicente Martins, Vicente Martins e António Vicente, residentes em Evora e José F. Duarte e o fiscal José Angelo, residentes na estação de Lavre.—E.

AGREMIÇÕES VARIAS

Grupo Dramático 1.º de Maio de Tires.—Iniciam-se amanhã, devendo terminar na sexta feira, as festas comemorativas do 6.º aniversário desta colectividade, que têm o seguinte programa.

Dia 30 (às 9 horas). 1.ª parte. Apresentação do novo Grupo Musical sob a regência do seu maestro Alvaro Santos, que executará o hino 1.º de Maio e o hino do Grupo. 2.ª parte. «As provas do crime», drama em 3 actos. 3.ª parte. «Uma casa de estroinas», comédia em 1 acto. 4.ª parte. Estreia de um novo orçeo composto de gentis meninas deste logar que executarão lindas canções sob a regência do seu maestro Alvaro Santos.

Dia 1 (às 6 horas). Alvorada pelo Grupo Musical sendo dada uma salva de 21 morteiros; (às 13 horas), inauguração da bandeira e saída do Grupo cumprimentando as suas congéneres do Murtal e Caparide; (às 16 horas), sessão solene promovida pelo Sindicato em que farão uso da palavra delegados da Confederação e Federação; (às 21 horas), chegada do Grupo Recreativo Murtalense onde virão tocando em conjunto para a sede do Grupo sob a regência do seu maestro Alvaro Santos.

VIDA ANARQUISTA

Grupo «Vida Nova».—Reúne amanhã pelas 20,30 horas.

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 5\$00.
A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpetuo da Cruz. Preço, 2\$50.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço 5\$00.
A' venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha.—(Desconto aos revendedores).

Queixas e reclamações

Futebol importuno

Contra a prática desenfreada do futebol pelo rapazio que todas as tardes faz campo de jogos na rua das Chagas, temos recebido inúmeras queixas dos moradores daquela rua e até de alguns transeuntes que àquella hora do dia tem necessidade dali passar.

São queixas contra vidros partidos, queixas contra obscenidades, contra os improperios e contra as agressões de que alguns garotos são vítimas.

A tudo temos calado, por considerarmos que não é a este jornal que compete evitar tal inconveniente.

Ontem uma nova queixa, dum individuo de nacionalidade brasileira que nos veio apresentar os seus protestos depois de se desatendido no governo civil, segundo nos disse.

Até o deixamos exarado, certos que atenderemos a todas as queixas recebidas.

FERAS À SOLTA

No posto de Monsanto a G. N. R. agrediu bárbaramente um menor

O menor João Baptista trabalha na Escola de Reforma, em S. Domingos de Benfica.

Ontem, como de costume, dirigia-se para sua casa pela serra de Monsanto quando inesperadamente apareceu uma patrulha da guarda republicana que o prendeu por, segundo nos dizem, estar cantarolando.

Conduzido para o posto de Monsanto foi tão bárbaramente agredido que ficou com o casaco todo rasgado e com vários ferimentos no corpo.

Mais tarde transitou para a esquadra de Benfica e dali para o governo civil onde o internaram no calabouço n.º 1, depois de receber curativo no respectivo posto.

Deviam ser galardoados, como merece o seu gesto, os heróis desta façanha.

Em liberdade

Foi já posto em liberdade José Gomes Pereira, «Avante», a pesar das acusações de rocambolescas feitas a que os jornais deram publicidade.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

A festa de Avelino de Sousa

Em virtude da empresa do teatro de S. Luis ser forçada a dar «matinées» no próximo domingo com a companhia de Matrice Chevalier, fica definitivamente transferida para o domingo, 10 de maio, a «matinée» de homenagem a Avelino de Sousa.

Reclames

Constituiu um triunfo para a poetisa Fernanda de Castro, a estreia da sua peça «Naufragos» ontem à noite no Nacional.

—Despedem-se hoje, no Eden Teatro, do publico de Lisboa, as quatro «girls» inglesas, que tanto exito obtiveram e as artistas espanholas Marina Sierra e Pilar Negra, fechando o espectáculo a Companhia dos Bailados Russos, que amanhã faz as suas despedidas, realizando todo o espectáculo, com um programa monstro.

—Continua em pleno successo, no teatro Apolo, a magnifica revista «Tirolito» que ali está levando enchesentes consecutivas mercê do seu magnifico desempenho, da sua graça e da sua linda musica. A interessante revista repete-se hoje.

DESPORTOS

FUTEBOL

O «Paulistano» vence no Estádio um fraco grupo mixto por 6-0

Como noticiámos em «Ultimas», passou ontem por Lisboa a bordo do «Flandria» o forte grupo brasileiro que na volta da sua viagem à Europa se comprometera a realizar em Lisboa um encontro de futebol, a convite do Casa Pia, para disputa da Taça Portugal-Brasil, oferta da colónia brasileira.

Antecipando-se em 24 horas, do que estava ultimamente assente, os embaraços para a organização do grupo português, que os havia de defrontar, aumentaram, pois como se sabe o Benfica e Sporting, por razões que ignoramos, não acederam a concorrer com jogadores seus para a selecção a formar.

Organizado, portanto, um grupo misto, composto de jogadores do Casa Pia, Belenenses e Vitória. O jogo iniciou-se pouco depois das 17 horas, com uma regular assistência. Os jogadores do Paulistano, vindo equipados de bordo entraram primeiro no campo, com a sua linha constituída por: Kunz, Clodoaldo e Barthó; Sérgio, Nundas e Abati; Filó, Mário, Artur Friedeureich, Seixas e Nétinho. Pouco depois surge o grupo mixto constituído por Roquete, Pinho e Silva; Gralha; Joaquim de Almeida e José de Almeida; Casaca; J. Santos, Severo, Lopes e Gralha; arbitro, Artur J. Pereira.

O Casa Pia oferece um galhardete, há troca de saudações e dá-se começo ao encontro, registando-se logo de entrada o valor da «equipe» paulista.

Demonstram grande dominio de bolas muito rapidas nas jogadas desmarcando-se com uma facilidade que pasmos. Revelam-se extraordinários jogadores: Filó, Artur, Mário e Barthó, mas todos estes nos patenham possuir grandes conhecimentos.

Desentram o cabalmente o celebre afonismo «que o brasileiro faz que anda mas não anda» pois era vertiginosa a sua penetração nas desoitto jardas, onde se instalava demoradamente, apesar da desesperada acção da defesa lisboense.

A primeira parte terminou com um 2-0, ambos os pontos marcados magistralmente, sem defesa, após uma série de dribblings em que todos os avançados tinham seu quinholo.

Na segunda parte, que durou apenas trinta minutos, porque o barco holandês, que viaja o «Paulistano», abandonava o Tejo às 19 horas, prefixas, a pressão dos brasileiros intensificou-se mais, conseguindo assim marcar mais quatro bolas.

O grupo mixto jogou mal, muito mal mesmo, dando-nos a impressão que entram no campo vencidos, já sem moral. A defesa trabalhou muito, mostrando-se Roquete nada seguro. Pinho trabalhador mas Silva algo melhor; a linha de médios muito fraca, quasi se não deu pela sua existencia. A linha avançada não conseguiu inquietar Kunz, apesar de João dos Santos, Lopes e Gralha por vezes o tentarem, mas as defesas brasileiras, especialmente Barthó, não lho consentiram.

A arbitragem feita num vontade que não é vulgar.

Os do «Paulistano», terminado o encontro seguiram, nos automóveis que os esperavam, imediatamente para bordo, possuidores da Taça e manifestando desgosto por as «traições» entre os clubes originarem a organização de uma tão fraca equipe, que por não ser nacional, nem sequer lisboense, lhes empanou o triunfo.

«A Batalha» na provincia e arredores

Alvalade

Um crime de assassinio

ALVALADE, 27.—Foram restituídos à liberdade os individuos por motivo da morte de José Rosa, excepção feita ao José Silvério por ser desertor, e ao comerciante Jacinto Vesmael, participante do caso, que matou o José Rosa a tiro por suspeita de ser este o autor do furto de umas galinhas, facto que não está provado.—C.

Nacional

Hoje, segunda recita com os NAUFRAGOS, pega que ontem foi em todos os finais de acto aplaudida com calor e que, devido à Companhia ter de partir para o Porto, poucas mais representações poderá dar neste teatro.

Uma óptima obra que ninguém deve deixar de adquirir

Trata-se do romance histórico por Eugene Sue «Os Mistérios do Povo» que revela a história dum familia de proletários desde as mais remotas idades acompanhando os grandes acontecimentos da antiguidade.

Não devem deixar de assinar esta importante obra social

EDIÇÃO POPULAR E DE DIVULGAÇÃO
JÁ SE ENCONTRAM PUBLICADOS 60 TOMOS
CADA SÉRIE DE 10 TOMOS, 5\$00

OS QUE MORREM

FALECIMENTOS

Com 10 anos de idade, faleceu, vítima por uma meningite, a menina Raquel Vieira, filha do operário fabricante de calçado Raúl José Gonçalves e de Aurora Vieira.

—Na Sala de Observações do Banco do hospital de São José, faleceu ontem, Serafim Mota, de 38 anos, descarregador, natural de Gesteira (Evora) residente no Bairro da Folha, no Barreiro e que, como noticiámos, foi, antontem, nos armazens da Companhia União Fabril, naquela villa colhido por um toro de pinheiro.

O cadáver recolheu à Casa Mortuária do hospital.

Francês sem mestre por GONÇALVES PEREIRA

1 volume de 400 páginas 15\$00

Pelo correio 16\$50.

Pedidos à administração de «A Batalha»

Lêde o Suplemento de A BATALHA

Conferencia Anarquista da Região do Sul

Efectuou-se no passado domingo na vila de Aljustrel

No dia 26, effectuou-se em Aljustrel a 1.ª Conferencia Anarquista da Região do Sul. Pelas 14 horas Alexandre de Melo, da Comissão de Iniciação, deu início aos trabalhos. Constatou-se a adesão dos seguintes grupos anarquistas: «Luz e Liberdade», de Cercal do Alentejo; por A. Alexandre de Melo; «Grupo de Propaganda e Estudos Sociais», de S. Domingos; por Valentim Adolfo João e Diogo Palma Neves; «Via Anarquista», de S. Bartolomeu de Via Glória; «O Revoltado», de Aljustrel; por Francisco Cortes, Manuel Antonio Tomé, Correia Barranco, Felix Diogo, Manuel Luis Rafael e Manuel Patriotic; «Pioneiros da Verdade», de Serpa; por José Francisco Monteiro; «Grupo Comunista Libertário», de Odemira; por Vasco Feliz; «Unificados de Messines; «Obreiros de Futuro», de S. nes; por Aniceto Lopes. O Comité Nacional da «União Anarquista Portuguesa», estava representado por Fernando d'Almeida Marques e o Comité da «Federação Anarquista da Região Central», por Virgilio de Sousa.

Foi apreciada a tese «Organização Regional» já apreciada na Conferencia da Região Central e perfilhada pela Comissão de Iniciação da Conferencia. Foi lido um parecer sobre o assunto, apresentado pelo Grupo de Propaganda e Estudos Sociais e que concluiu por compreender na Região Sul todos os grupos que existam já e mais os que venham a constituir-se no baixo Alentejo e Algarve.

Considerou-se necessário dividir os grupos desta região em duas zonas conforme a situação geográfica e facilidade de mais breve troca de relações.

A Federação Anarquista do Sul assim constituída, ficará representada por dois grupos, que em relações constantes coadunam a acção das Zonas Regionais.

Depois de quasi todos os presentes terem emitido as suas opiniões, foram aprovadas por unanimidade as conclusões da tese «Organização Regional» com a seguinte redacção: 1.ª Seja formada a Federação Anarquista da Região do Sul; 2.ª Dele façam parte os grupos que se representaram na Conferencia e os que de futuro se venham a organizar; 3.ª Seja nomeado o Comité Regional, que será composto por 3 membros; 4.ª Seja em Cercal do Alentejo a sede do Comité Regional até à realização do 1.º congresso; 5.ª Seja estabelecida a realização de Congressos Regionais de 6 em 6 meses e fora disto quando haja motivo imperioso.

Procedeu-se à nomeação do «comité» regional que ficou constituído pelos seguintes membros: A. Alexandre de Melo, Aniceto Lopes e Francisco João Figueiras. Foi resolvido que o «comité» regional promoviria o aparecimento rápido dum jornal de publicação eventual, intitulado «A Verdade». A cotisação para a Federação será voluntária.

Resolven-se que a Federação Anarquista da Região do Sul promova a realização de uma vasta obra de propaganda anarquista. O delegado do grupo «Pioneiros da Verdade», defendeu a necessidade da organização de veladas sociais, no que foi corroborado por todos os assistentes.

No que respeita à posição dos anarquistas perante os partidos políticos e a Revolução, a Conferencia perfilhou também, depois uma vasta exposição de principios por parte da maioria dos conferentes, as conclusões dum tese que sobre o assunto foi aprovada na região central. Por todos foi largamente apreciada a acção exercida pelos comunistas.

Unanimemente foi reconhecida a necessidade dos anarquistas exercerem uma acção constante nos sindicatos.

A Conferencia apreciou com grande interesse um parecer que o Grupo Comunista Libertário, de Odemira, apresentou sobre a propaganda anticlerical e que concluiu: «Que em todas as sessões a realizar, os oradores libertários se não esqueçam de combater tenazmente a reacção religiosa, e se editem folhetos de propaganda anti-religiosa para distribuir.

Foi considerado de grande vantagem um sistema de missões de propaganda, que constam dum estudo effectuado pelo Comité Nacional da U. A. P. e que em breve será pôsto em prática.

A Conferencia terminou pelas 19,30 horas no meio do maior entusiasmo de todos os assistentes.

Tirou-se uma queie pró-J. Pires de Matos que rendeu 75\$50.

Serviço de livreria de A BATALHA

Livros em Esperanto

Romance original de Mérimée, tradução de Sam. Meyer, 1 volume de 56 páginas..... 6\$00
Traduzido do original polaco de Nierojewski por B. Kuhl, com um prefácio de Antoni Grabowski, 1 volume..... 5\$00

Selos de propaganda esperanta

Muito artisticos, a oito cores e oito motivos, os nossos principiaes monumentos, nitidamente impressos. Cada colecção de oito Colações em album com o retrato de Zamenhof e com legenda em português e esperanto..... 5\$00

Solo de Flauto

Monólogo de Paul Bihaud, tradução de Fernando Doré, 1 volume de 12 páginas..... 1\$75

Teatro São Carlos

QUINTA-FEIRA, 30

Reparação da Companhia Lucilla Simões-Erico Braga com

O Sinal de Alarme

A MAIS SURPREENDENTE E FANTASIOSA PEÇA ACTUALMENTE EM SCENA



"A VOZ DO OPERÁRIO"

Os mortos mandam

A sociedade reentra nas funções para que os seus fundadores a instituíram

Não são de carácter ancestral próprias ditadas as considerações que nos sugeriu a festa infantil realizada no último domingo nesta Sociedade, mas de regresso aos seus princípios de solidariedade social que os seus fundadores lhe imprimiram.

Dirigida por humanos, impulsões mais por sentimentos individuais do que integrados no espírito colectivo, há anos que nas festas da Sociedade se reflectia a influência de nocivas praxes, onde a verdade, erigida no pedestal da lisonja, a desviava das suas elevadas funções, para manutencção duma orgia sugadora que avidamente absorvia a seiva benéfica que os milhares de associados confiantes entregavam à sua direcção.

Mas um grito de revolta, logo secundado por uma pequena falange que depressa se tornou legião, arrancou a Sociedade de tão nefastas mãos, e com o consenso geral, nas festas do último aniversário, a substituir os laivos banquetes em que o vinho predominava e em que os dirigentes e apenados mutuamente se cumilavam de lisonjas e blandícias, integrou-se a Sociedade nos salutar princípios altruístas dos seus fundadores, iniciando-se uma obra de renovação social, estreitando as crianças das escolas em laços de fraterna amizade, procurando interessá-las nas festas associativas, que a sua presença tornaria comventos e sentidas pela sua comunicativa e sã alegria.

Recorda-nos ainda com saudade o ambiente de sensibilidade provocado por tão grandiosa manifestação infantil, onde as crianças, depois de distribuído um delicado lunch constituído por cacau com leite, bolos e sanduíches, além de farta distribuição de café, vestuário e brinquedos de todas as crianças, foi entregue as crianças do edifício para nelas cada escola plantar a sua árvore e de futuro servir de recreio e de escola prática de botânica à legião infantil que a Sociedade educa e instrui.

Foram os primeiros e decisivos passos da comissão de sindicância para fazer regressar a Sociedade às suas funções de solidariedade moral para que os seus fundadores a instituíram.

E sempre que se abate um privilégio, em que uma pequena casta benéfica, com prejuízo geral, surge a maldição, o ódio, o despeito e o rancor, que encobrem os principais motivos desses maus sentimentos, pretende exteriorizar uma severa crítica a quem repôs no seu verdadeiro lugar os destinos da Sociedade.

Esta obra foi colossal, e por isso mesmo ninguém teria coragem de a derruir completamente, embora fosse esse o desejo oculto de alguns. E por isso no último domingo, a actual comissão administrativa, seguindo o critério da comissão de sindicância, copiando-lhe mesmo os processos, fez uma festa infantil, que em muito poderia exceder o brilho que teve, se não fora um suggestionado despeito que a levou a proceder imprudentemente.

Numa das últimas assembleias havia-se votado a celebração da festa da criança no próximo mês de Maio, para a qual se votou a verba de 3.000 escudos. Os esforços e energias empregadas para a festa que se realizou no domingo último, conjungidos com as que se não de empregaram para a festa da criança, imprimiram a esta um maior brilho, que a dispersão de energias não conseguiu emprestar à festa de domingo. E se não vejamos: As crianças apenas foi distribuída uma sanduíche, e enquanto se deram prémios ou brindes a 300, as restantes 2.000 ficaram a olhar entristecidas o esquecimento a que as votaram.

E essa tristeza das crianças comunicou-se ao nosso sentimento, quando vimos as crianças abandonadas de qualquer cuidado, cheias de fúria e ávaramente privadas das crianças, que naquele domingo poderiam recrear-se benéfica e alegremente no recinto.

E que alguém pela comissão administrativa, havia dito que as obras de terraplenagem foram um erro da comissão de sindicância, e para dessa forma manifestarem o seu ódio aos membros da mesma comissão, na pretensa justificação desse erro, atiraram indirectamente as pobres crianças, que nada têm com os despeitos dos homens.

Mas prossigamos na obra de moralização de costumes dentro da Sociedade, fazendo ver aos que a administram, que têm uma função mais elevada, quando aceitam os lugares de dirigentes, do que a exibição de maus sentimentos, que se não coadunam com os elevados princípios de solidariedade moral com que os seus fundadores alicerçaram tão benéfica obra.

Julgamento

Os manipuladores de pão ontem julgados foram absolvidos

No 1.º distrito criminal prosseguiu ontem o julgamento dos operários manipuladores de pão, José Marques Teixeira, Domingos Pereira, José de Brito Pereira e Fernando Carvalhais, acusados de estarem implicados na morte de Manuel Costa, caixeiro da padaria da rua de São Cristóvão.

Foram todos absolvidos e postos em liberdade, ficando presos, por jurarem falso, Artur Mota e Eduardo Nunes da Silva, testemunhas de acusação.

Eram advogados de defesa os drs. srs. Ramada Curto e Sobral de Campos.

Durante o julgamento foram tomadas rigorosas e exageradas medidas de precaução.

A 1.ª esquadra de polícia—Governo Civil—entrou de prevenção rigorosa às 13 horas. Pelas ruas próximas do tribunal estendiam-se patrulhas dobradas de civis, comandados pelo cabo Nazaré.

Dentro do edifício as medidas de prevenção não eram menos aparatosas. Muitos civis, muitos agentes à paisana.

Retardou-se um pouco a abertura da sessão porque faltava uma força da G. N. R. requisitada na véspera para manter a ordem na sala da audiência. Como essa força não aparecesse o juiz substituiu-a pela guarda do edifício.

1.º DE MAIO

As delegações da C. G. T. às manifestações da província

S. B. de Messines, Faustino Ferreira; Silves, Manuel Nunes; Portimão, António Monteiro; Olhão, Quirino Moreira; Évora, Aleixo de Oliveira; Ervedal e Extremoz, Alfredo Pinto; São Domingos, Abílio Alves de Lima; Montemor-o-Novo, Antunes Rodrigues; Ponte de Sôr, Virgílio de Sousa; Castelo Branco, M. Viegas Carrasçal; Covilhã, Gonçalves Vidal; Torres Novas, M. Ferreira da Silva; Coimbra, Francisco Viana; Porto, Delfim Pinheiro; Marinha Grande, Júlio Luís; Setúbal, Santos Arranha e Jerónimo de Sousa;

Oeiras, António Marcelino; Cascais, José de Almeida; Tires, Tavares Adão; Almada, Lúcio Costa. Os delegados que vão para o Algarve, podem partir no comboio da noite, de hoje, pelo que devem comparecer na C. G. T. com a devida antecedência.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e de Solidariedade

Sobre a comemoração do 1.º de Maio este o Secretariado falou com o sr. Victorino Guimarães, dizendo-lhe que a organização operária tenciona comemorar esta data como nos anos anteriores.

Também este Secretariado continua efectuando demarques até à completa libertação dos operários presos sem culpa formada.

No concelho de Cascais

A comissão promotora das manifestações comemorativas do 1.º de Maio no concelho de Cascais, resolveu realizar nesse dia as seguintes sessões: em Cascais, às 10 horas; Parede, às 12 horas; Manique, às 18 horas; Tires, às 19 horas.

Resolveu anunciar estas sessões por placards que serão afixados nas respectivas localidades.

Nas reuniões referidas devem fazer uso da palavra delegados da C. G. T., da Construção Civil e Federação das Juventudes Sindicalistas.

Em Sintra

SINTRA, 28.—Realiza-se no 1.º de Maio, na sede do Grupo Foot-Ball Estefânia, uma sessão pública promovida pelo Sindicato da C. Civil, pelas 15 horas, onde farão uso da palavra delegados da C. G. T., Federação C. Civil e Federação das Juventudes Sindicalistas. Este organismo vai publicar um manifesto à classe trabalhadora.—C

União têxtil

Reuniu a direcção deste sindicato deliberando aderir ao comitê organizado pela U. S. O. para a comemoração do 1.º de Maio, devendo todos os componentes do mesmo assistir ao comitê referido.

Fragatelles do porto de Lisboa

A direcção avisa os componentes da classe de que no dia 1.º de Maio não devem seguir ordens para localidade alguma, exceptuando-se as embarcações que tenham de conduzir mantimentos ou correio para bordo de paquetes, solidarizando-se assim a classe com todo o proletariado mundial organizado.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

Na conferência que a comissão delegada deste organismo ontem efectuou com o director da Secretaria do Senado foi por este senhor declarado que a proposta de reforço à verba para as obras do Estado irá à assinatura presidencial logo que tenha o visto do presidente do Senado.

Também a mesma comissão entrevistou ontem o sr. Craveiro Lopes, engenheiro das Obras das Casas Económicas da Ajuda e o presidente da Câmara Municipal de Lisboa. As demarques prosseguem hoje.

Do estatuto confederal

CAPÍTULO I

DOS OBJECTIVOS

Artigo 1.º.—A Confederação Geral do Trabalho constitui-se com os seguintes objectivos:

1.º—O agrupamento, sob a base federativa autónoma, de todos os trabalhadores assalariados no país, para a defesa dos seus interesses económicos, sociais e profissionais, pela elevação constante da sua condição moral, material e física;

2.º—Desenvolver, fora de toda a escola política ou doutrina religiosa, a capacidade do operário organizado para a luta pelo desaparecimento do salariado e do patronato, e posse de todos os meios de produção;

3.º—Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para a ajuda mútua, numa comum inteligência, que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.



Precisam-se Oficiais de Sapateiro para obra de senhora, sandálias e obra de Tênis. Sapataria. Rua Direita de Belém, 59.

PROPAGANDA SINDICAL

Nos Manufactores de Calçado de Braga

BRAGA, 27.—Na pretérita semana, o Comité Federal do Norte enviou como seus delegados junto dos Manufactores de Calçado de Braga, os camaradas José da Silva e Amílcar Pereira Dias.

Estes enviaram todos os esforços no sentido de conseguirem a unificação dos militantes do sindicato, pois que ultimamente devido a desinteligências que surgiram no seu seio, abandonaram completamente o sindicato, razão porque nos últimos meses este não tem tido vida.

Em virtude das sugestões dos delegados do Comité, estes camaradas tomaram o compromisso de novamente voltarem à lides sindicais pelo que desde logo se resolveu levar a efeito uma reunião magna de toda a classe.

Para que essa reunião fosse o mais grandiosa possível, foi distribuída uma proclamação à classe, tendo os delegados do Comité ajudado a fazer a distribuição da mesma em alguns bairros, principalmente em S. João da Ponte que é o ponto onde os Manufactores de Calçado se encontram mais concentrados e onde a desmoralização caíu mais fundo entre os componentes da classe.

Essa reunião teve com efeito a sua realização no pretérito domingo, tendo os delegados do Comité exposto largamente os motivos da sua presença, falando em primeiro lugar o camarada Amílcar, que dum forma entusiástica e enérgica defende as necessidades de organização ao mesmo tempo que fala sobre o moral que deve possuir todo o orientador dos operários e da organização, pondo sempre de harmonia as palavras com os seus actos, a fim de que os trabalhadores vejam nos militantes operários os seus guias e acreditem nas suas palavras.

Depois de aconselhar a todos os manufactores a que deem ao seu sindicato local a vitalidade necessária, expôs os seus pontos de vista sobre o problema da centralização da indústria, da mecânica e da melhoria económica da classe, entendendo que o sindicato deve apresentar no mais curto espaço de tempo aos industriais uma reclamação exigindo os 25 % que ultimamente, a pretexto da crise de trabalho lhes foram cerceados, tendo ficado aprovada uma moção nesse sentido.

Sobre a mecânica na indústria e dada a circunstância de nesta cidade se estar montando uma fábrica de calçado, foi nomeada uma comissão composta de camaradas residentes em todos os bairros da cidade, que ficou com o encargo de se avisar com a gerência dessa fábrica no sentido de conseguir que dentro da mesma não sejam admitidos indivíduos que não pertençam à indústria.

Sobre a centralização da indústria foi também resolvido que o sindicato fizesse uma larga propaganda nesse sentido, a fim de muito em breve a classe ingressar dentro das oficinas, única forma de se moralizar a classe e acabar com o excesso de produção.

José da Silva, afirma que o indiferentismo que nota nos operários de Braga pelos seus interesses não o desanima, porquanto bem sabe que as grandes convulsões sempre foram levadas a efeito por uma pequena minoria que confia no poder da vontade.

Apela para que aqueles que têm estado à frente do sindicato o continue a fazer, pondo de parte por completo todas as divergências que até hoje os tem dividido, prometendo aos camaradas presentes que fará ver à Federação a conveniência de enviar várias amiguadas vezes missões de propaganda, a fim de ajudar os corpos directivos do sindicato a bem cumprir a sua missão.

Por fim foram nomeados vários camaradas para recompor a comissão administrativa, tendo terminado esta sessão no meio de grande entusiasmo, aos vivas à organização operária.—E

Pelo robustecimento da organização têxtil do Porto

PORTO, 28.—Um grupo de operários afinadores do teares mecânicos, reconhecendo a necessidade de que todos os operários da sua especialidade se organizem dentro do sindicato da Classe Têxtil, vieram junto da comissão administrativa da classe sindicato manifestar-lhe os seus desejos.

Desde logo, a comissão administrativa se dispôs a convidar os operários daquela especialidade, realizando-se já uma sessão de propaganda no bairro ocidental e, pela enorme concorrência que a mesma teve, se verifica uma certa boa vontade de todos os afinadores em se organizarem.

A reunião dos operários no bairro ocidental, teve lugar na passada quinta-feira, na sede da Liga das Artes de Vição Portuense, à Boavista.

O camarada António Alves de Sá, secretário geral do Sindicato Têxtil do Porto, pede à assistência que indique um camarada para orientar os trabalhos, sendo indigitado para tal Manuel Cândido Machado, de Vila do Conde, que convidou para secretário Santos Junior e José de Sousa Fernandes.

Sá, em nome da comissão administrativa do Sindicato, expõe dum maneira clara os fins de tal reunião e espera que dela saiam trabalhos práticos para o robustecimento do sindicato. Refere-se à influência que os afinadores têm dentro das fabricas junto do operariado de ambos os sexos, dizendo que conseguindo-se, que os afinadores se organizem, estes poderiam dentro das oficinas desenvolver uma activa propaganda para que esse operariado que é refractário ao sindicato nele ingresse.

Manuel C. Machado faz uma brilhante preleção, demonstrando largamente o valor da organização sindical e a sua finalidade ideológica. Refere-se à descaldade que se nota na especialidade de afinadores, dizendo que a mesma é derivada a uma questão de vaidades que terão de desaparecer. Diz que os trabalhadores não devem limitar-se a pagar a sua cota sindical, mas devem também procurar no sindicato o ambiente indispensável ao desenvolvimento do seu intelecto.

Em seguida Joaquim Saavedra, na qualidade de afinador diz que abandonou o sindicato e que dentro do mesmo já tem empregado alguns esforços para que a especialidade a que lhe pertence se organize. Faz sentir a necessidade de todos os pre-

A REVOLTA NA BULGÁRIA

A situação nos Balkans torna-se ameaçadora

A situação nos Balkans está-se tornando cada vez mais ameaçadora. Para não perderem o hábito, as legações bulgaras continuam publicando numerosos desmentidos; o que no entanto é verdade, é que Tsankoff, longe de estar senhor da revolta, se vê pelo contrário numa situação muito crítica.

A imprensa francesa assiste com interesse ao que se está passando no Oriente.

Marcel Ray no *Petit-Parisien*, dá uma perfeita ideia da situação da Bulgária: «O complot agrário, diz ele, foi-se por água abaixo; mas diz em seguida: «No entanto o conflito subsiste entre as cidades e o campo, entre os aldeões e os habitantes das cidades».

Eis na verdade o quadro que apresenta este país onde a ordem... acaba de ser restabelecida. Há umas duas semanas os elementos nacionalistas extremistas, com o general Lazaroff à frente exercem uma influência preponderante no próprio governo. Consta que mais 20.000 revolucionários têm sido presos, que a maior parte deles foram executados em massa e que a revolta em vez de estar sufocada, cria vigor, e se ramifica, pois segundo as próprias informações burguesas existem vários Comités revolucionários disseminados por todo o país.

Os aliados acabam de violar cinicamente o tratado de Neuilly, permitindo aos carrascos de Sofia o aumento dos efectivos que eles reclamavam.

Este facto não deve admirar ninguém; cada vez que o seu interesse o exige, a burguesia viola a sua própria legalidade e espesinha os tratados todas as vezes que o interesse superior da contra-revolução assim o ordena. Foi desta maneira que procederam Foch e Clemenceau contra a Alemanha em 1919 e da mesma maneira agiram Chamberlain e Briand em 1925.

No entanto, estão-se efectuando em Belgrado, Bucareste e em Atenas inúmeras reuniões entre os representantes anglo-franceses e os ministros servios, romenos e gregos. A Yugo-Slavia tomou como pretexto as declarações do ministro do Interior bulgaro para ameaçar a Bulgária e preparar as suas tropas. Fala-se também numa intervenção românica e dizem que a Grécia tem intenção de mobilizar o seu exército.

Os pretextos invocados pelos governos balkânicos para justificar estes preparativos militares são verdadeiramente ridículos. Nunca pretextos semelhantes deram ocasião a qualquer conflito, e antes pelo contrário, a tendência que dominou a política balkânica foi a formação dum front comum anti-operário.

Não foi devido à violação de qualquer tratado mas em razão da revolta, cada vez mais ameaçadora, de todos os proletários que obrigou Patchitch a recorrer à força das armas.

Veremos como tudo isto acabará.

Contra o horário de trabalho

Na fábrica «Portugália»

Um oficial de marinha arvorado em roceiro

Na fábrica de cerveja Portugália, ali à Avenida Almirante Reis, pontifica um cavalheiro chamado Borges de Sousa, oficial de marinha, que se propõe reduzir à dura condição de escravos o pessoal operário.

Há dias fez saber aos maquinistas e fogueiros de que a partir do dia 9 de Maio o regime de trabalho daqueles operários passa a ser de 10 horas, demitindo todos os que o não respeitem.

A intimação foi mal recebida pelos operários que se dispõem a oferecer-lhe a natural resistência, por ela ter tanto de draconiana como de atentatória à jornada de 8 horas.

E é muito provável que um conflito se manifeste provocado por um oficial de marinha que, não sabendo onde gosar a licença ilimitada que tem se entretem a provocar o operariado que só do seu trabalho vive.

Na Central Tejo

Continuam as prepotências nesta nova roça, perseguindo-se o pessoal para se criar ambiente propício ao estabelecimento do regime de 10 horas de trabalho.

Um operário que mora longe, por chegar mais tarde das horas, o que lhe é permitido, foi suspenso, o que mostra o propósito de exercerem vinganças no pessoal.

Na madrugada de segunda-feira deu-se o desastre de morte dum camarada que a Batalha relatou, e como um operário para ajudar a remoção desse falecido camarada tivesse de perder duas horas, foi também suspenso. Estes castigos, dizem eles ao pessoal, vão para o célebre «quadro negro».

sentem se organizarem dentro duma secção profissional que esteja aderente ao respectivo sindicato.

João Henriques Moreira, demonstra a sua boa vontade em trabalhar pela secção dos afinadores de teares mecânicos.

Por último Santos Junior, usando da palavra, reforça as palavras de Alves de Sá e Machado, diz como é que não há de estar dentro do sindicato, trabalhando em prol da organização, se é lá que pode lutar por uma sociedade mais livre, mais harmoniosa, aonde a humanidade viva feliz, fora de tanta tirania, de tanta infâmia! Como não há de ser rebelde, se a sociedade actual, tal como está organizada permite que os homens predominem sobre os homens e se exerça uma vil exploração!

Foi nomeada uma comissão composta dum operário de cada fábrica representada para o consequimento da organização da secção de afinadores do bairro ocidental.

Na próxima quarta reunem os afinadores do bairro oriental, na rua Fernão Magalhães, 494, pelas 18 horas para estudarem o mesmo assunto.—E

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 6 desta revista intitulada: «Mi Hermana», de José Martín.—Preço: \$50.—Pedidos à administração de A Batalha

A situação angustiosa dos empregados no comércio de Africa

Um apelo sugestivo aos da metrópole

Dum grupo de empregados no comércio de Benguela passamos a publicar o seguinte elucidativo apelo aos seus colegas da metrópole.

«Colegas! não vos deixeis iludir pelo «bluf», de que em Africa se ganha muito dinheiro, especialmente em Angola!

E' um engano, mas daqueles enganos teríveis que arrasta à miséria e que pode ser fatais. Nós vos exporemos num rápido quadro a situação dos nossos colegas que, longe dos seus entes mais queridos, lutam com a crise de trabalho, passando privações de toda a espécie.

E' um crime dos governos, deixar emigrar, sem os emigrantes, seja de que classe for, terem uma colocação!

Em Benguela, dezenas e dezenas de empregados do comércio, andam deslocados e para não morrerem de fome, vão esmolando dos seus camaradas algum alimento. Dormem no Jardim Público alguns, e outros, para não passarem por este vexame, oferecem os seus préstimos a qualquer patrão só pela comida e quarto! Afrenta das afrontas! Em Loanda e noutras localidades sucede a mesma cousa.

Ultimamente, com o agravamento das contribuições industriais, foi uma das classes mais atingida pela bacanal do C. L. vulgo «Conselho de Herodes» que se compõe na sua maioria de comerciantes!

Empregados do comércio, alerta! A pretexto do aumento da nova tabela de licenças, muitas casas já baixaram os ordenados e outras estão em perspectiva de despedir todo o pessoal!

Com ordenados inferiores, como podem os empregados pagar as licenças impostas pelo C. L.? Num mês se houver de se pagar licenças industriais, licenças camarárias e taxa militar, os empregados não comem!

A situação criada pelos comerciantes do «Conselho de Herodes» aos seus cooperadores, é a maior afronta que se pode fazer a uma classe.

As associações dos Empregados do Comércio de Loanda, Benguela e Lubango, iniciaram um movimento de protesto, mas devido à sua organização pouco eficaz. A organização da classe na província de Angola é um caos! Por isso o movimento fracassará e a crise cada vez se alastrará mais.

Admite-se que uma casa comercial que auferir 100 contos de lucros por ano, na sua maioria, pague a bagatela de 3 contos de contribuições e um empregado do comércio que mal ganha para se sustentar, pague 1.500\$00!

Taxa-se o trabalho ou os rendimentos? Colegas! não vos deixeis iludir, não!

E' um dever vosso atender ao que deixamos exposto, porque caso contrário, não sabeis defender os vossos interesses!

Transcrevemos para melhor elucidação a seguinte nota que acompanha a tabela: «Quando o contribuinte nas condições deste grupo (1.º grupo, verba 1.ª a 7.ª) for colectado em taxa superior à do industrial a quem servir, será a sua taxa reduzida à importância igual à que por este for devida».

Os comentários que os façam os leitores.

Operários do Município

Uma excepção irritória feita ao pessoal feminino

Segundo deliberação da Câmara Municipal, o pessoal operário recebeu, nos dias 17 e 18, 60 % sobre o aumento que lhes foi feito, a partir de 1.º do corrente, prometendo a verificação liquidar o resto do aumento em junho.

Sucede que ao pessoal feminino só na semana finda em 24 pagaram 60 % do aumento, correspondente à semana finda em 17 apenas. Quere dizer, além de se não pagar ainda o aumento integralmente, faz-se uma excepção ao pessoal feminino ao qual ficaram a dever mais 11 dias dos 60 % sobre o aumento, o que não foi devido, certamente, a falta de verba, pois o aumento para elas foi de 1300 por dia, e portanto só teriam a pagar mais 6500 a cada uma, por agora.

de encadernador—oferece.—Rua de São Boaventura, 53, 1.º

Secção telegráfica

Federações

MOBILIÁRIA

Sindicato do Porto.—Recebemos officio e vale do correio. Segue expediente e officio.

Sindicato de Guimarães.—Segue expediente pedido. Acusam recepção.

Porto.—Delegação federal.—Recebemos officio; segue resposta.

METALÚRGICA:

Sindicato de Vieira de Leiria.—Preparam sessão para o 1.º de Maio; vai delegado.

Sindicato da Marinha Grande.—Contem com delegado para o 1.º de Maio.

Sindicato de Torres Novas.—Esperem delegado para 1.º de Maio.

Sindicato de Faro.—Esperem delegado para o 1.º de Maio.

SOLIDARIEDADE

Alexandre da Silva

A Comissão da festa em auxílio de Alexandre da Silva, previne todos os camaradas possuidores de bilhetes, que a referida festa ficou transferida para o dia 24 de maio, pelas 15 horas. A festa realiza-se no Salão da Construção Civil.

A comissão organizadora da festa em auxílio da companheira de Carlos dos Santos, previne que esta se realiza no dia 23 de maio.

Vida Sindical

U. S. O.

Conselho de delegados. Reúne hoje, pelas 21 horas, para nomeação da Comissão Instaladora da Câmara Sindical do Trabalho e ultimar os trabalhos do 1.º de Maio.

COMUNICAÇÕES

Federação da Construção Civil.—Bolsa do Trabalho.—O pagamento dos subsídios efectua-se amanhã, em virtude de sexta-feira ser o 1.º de Maio.

S. U. C. Civil.—Secção dos Carpinteiros.—A comissão administrativa previne os camaradas que têm em seu poder livretes pró-bandeira, para prestarem contas até sexta-feira, 8 de maio próximo. Foi apreciada a local inserta ontem em A Batalha sobre os carpinteiros da J. P. L., resolvendo-se officiar ao Sindicato Unico.

Litógrafos e Anexos.—Previnem-se os delegados da officina, que o aumento de cota que devia começar a vigorar no dia 1 de Maio, fica suspenso em virtude da actual crise de trabalho.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE:

Federação de Calçado, Couros e Peles.—As 20,30 horas, a comissão administrativa.

Federação Marítima.—As 20,30 horas, a Comissão Administrativa.

Federação dos Empregados no Comércio.—As 21 horas, a Junta Sul.

Litógrafos e Anexos.—Pelas 21 horas a Comissão Administrativa, devendo comparecer os camaradas eleitos na última assembleia para delegados à F. L. J. e U. S. O. Condutores de Carroças.—Comissão Administrativa.—Para assuntos importantes às 20 horas.

S. U. da Construção Civil.—Conselho Técnico.—A comissão administrativa, às 20,30 horas.

Secções Sindicais do Alto do Pina.—As 21 horas a comissão organizadora do benefício e os camaradas que têm bilhetes em seu poder.

Marinheiros e Moços.—Para assunto de interesse para a classe, pelas 18 horas, a Comissão Administrativa e de Melhoramentos, Conselho Fiscal e secretários da mesa da assembleia geral.

S. U. Metalúrgico.—O Conselho Técnico às 20 horas.

Manipuladores de Pão.—As 14 horas, as Comissões Administrativa e de Melhoramentos para tratar dum assunto urgente.

PARA DIAS PROXIMOS:

Federação Nacional dos Trabalhadores dos Caminhos de Ferro de Portugal e Colónias.—Reúne no próximo domingo, pelas 11 horas, o Conselho Federal, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.º, Leitura e apreciação do relatório moral e financeiro da Federação; 2.º, Situação dos Sindicatos perante a Federação; 3.º, Situação da Federação perante a C. G. T.; 4.º, Propaganda a realizar em todas as sed